

# humanitas



**Vol. XXXVII-XXXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

## TONICIDADE E ABERTURA VOCÁLICA NA LÍNGUA PORTUGUESA QUINHENTISTA

(TRÊS CASOS DE TOPONÍMIA ORIENTAL EM EXEMPLARES DATADOS DE 1572  
D' «OS LUSÍADAS»)

«O espírito da ciência é o de se autocorrigir».  
Prof. CARL SAGAN, *Cosmos*, Gradiva, s.d., p. 14.

Não é, por vezes, fácil o inculcar-se esta e não aquela pronúncia, o optar-se, hoje, pela marcação da tónica naquela e não nesta sílaba, por inflexão de voz, colocação de acento gráfico ou ausência dele que as regras vigentes consintam, quando se trata de ler em voz alta ou fixar por escrito textos de autores do nosso século XVI, sem exclusão dos camonianos.

Motivos dessa situação singularmente grave e que não cessa de deixar hesitantes e não raro angustiadas muitas pessoas de sólida formação linguística?

O primeiro deles, no caso de vocabulário oriental, reside, se me não engano, em terem deixado de nos serem familiares, à nossa gente, certas designações (outrora comuns, em cartas e outros documentos), por se haverem reduzido e extinguido relações de soberania, comerciais, militares, religiosas e outras, durante largos anos existentes entre Portugal e vastas regiões asiáticas, p.ex.; o segundo, porque vários dos vocábulos a que aludimos eram topónimos, que, com o tempo, mudaram de nome; em terceiro lugar, porque os índices tangíveis que nos restam da acentuação primitiva, da abertura e do fechamento vocálicos não coincidem sempre com aqueles de que hoje nos servimos, quando pretendemos assinalar idênticos fenómenos. Bastará recordar que a grafia *pòr* por *pôr* de dois passos d' «Os Lusíadas» (VI, oit. 69, em *S S<sub>4</sub>S<sub>5</sub>S<sub>6</sub>D*, por ex.; VIII, oit. 50, em *S*) ainda sobrevive no célebre *Dicionário* de Moraes, na ed. de 1891; que, quando acontece gemação vocálica, ora marca simultaneamente abertura e tonicidade como em *estaar*, ora exclusivamente a abertura como em *soamente*; que,

nas próprias obras de gramáticos responsáveis, de João de Barros e Magalhães de Gândavo, surge, nesta última palavra, a duplicada *oo* substituída por *-ó-*, isto é, *sómente*, ao arripio de várias regras enunciadas por ambos e dos importantes cuidados com a acentuação gráfica que noutros casos igualmente manifestam. Curioso é ainda notar que, com inversão total do subjacente aos critérios actuais, na já referida ed. de Moraes, temos *Sómènte* em cabeça de verbete, e a antiga forma *sómente*, apenas com acento agudo na primeira, no resto do artigo; e esta atitude é paralela da que levou o tradutor português de Metastásio a registar *áquelle*, na ed. de Simão Thaddeo Ferreira, de 1783, p. XXXI, e, no século imediato, J. I. Roquete e José da Fonseca, no «Diccionario dos Synonymos», p. 323, *áquelle*, formas que, em Luís de Camões, têm por correspondentes *Aaquelles* (I, oit. 71, IV, oit. 10, VII, oit. 15) e *Aaquella* (II, oit. 73, III, oit. 88). Do épico são também *Ródano*, *sô*, *pês* por *Ródano*, *só*, *pés*.

Esta complexidade, porém, agrava-se, quando as dificuldades acima mencionadas se conjugam com outras, muito específicas, e somos chamados a decidir da tonicidade ou da abertura de uma vogal em um texto poético quinhentista, como o d' «Os Lusíadas», onde os *hiperbibamos* sobem a algumas dezenas (sem que nem por isso deixem de suceder-se registos de editores muito considerados que os ignoram), sem esquecer-se a chamada *gaita galega*, em decassílabos claramente acentuados na 4<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>, coexistentes com os frequentíssimos heróicos e sáficos, menos geralmente desconhecidos, além de outras acentuações rítmicas de semelhante importância.

O perscrutar, de espaço, certas singularidades de fenómenos desta natureza traria eventualmente, pensei, oportunidade de colher informações curiosas no âmbito da história da ortografia nacional, e também, mediante o confronto entre textos manuscritos e impressos correspondentes (pressupondo sempre poder não existir coincidência entre o registo do autor ou copista da sua confiança, e o do tipógrafo), abrir caminho à tomada de decisões cientificamente aceitáveis, ainda que nem sempre definitivas, como talvez possa acontecer nos três casos concretos de que passarei a ocupar-me.

Trata-se das seguintes formas, que ficaram impressas em *S* e *D* como se transcrevem:

*Orixa*, X, oit. 120;

*Chale*, VII, oit. 35; X, oit. 61;

*Tauay*, X, oit. 123. Em *S*, *Táuy*.

Nas edições dos cronistas e em outros documentos anteriores ao tempo de elaboração e impressão do texto épico, relativamente próximos dele ou seus contemporâneos, sem exclusão de prolongadas sobrevivências em séculos imediatos, encontram-se diversas oscilações que perturbam toda a pessoa sensível à gravidade de uma deslocação arbitrária e injustificada do acento tónico:

*hiruxa* (\*) / *Orixa* / *Orixá* / *Orixaa* / *Urxia* // *Oriçah* / *Orissá* / *Orissa*  
*Chaale* / *Chaule* / *Chále* / *Chale* / *Challe* / *Challé* / *Chaul*  
*Tauay* / *Táuay*

Partamos de dois outros casos — esses do vocabulário usual — do antropónimo *Tomé* e da preposição *até*: ambos impressos, na edição príncipe, respectivamente *Tome* (oito vezes) e *ate* (dezasseis vezes), a que poderíamos juntar a loc. conj. *ate que* (doze vezes), com uma só excepção, no canto VIII, oito. 96 (Atê ver *S* Atê ver *D*), como hoje escrevemos *tome*, do verbo *tomar*, e *ate*, do verbo *atar*. Por eles, ficamos, desde logo, advertidos quando à geral necessidade, na fixação das formas segundo as exigências ortográficas hodiernas, de prestar a maior atenção às oscilações da acentuação gráfica, nas opções de abertura, fechamento, tonicidade ou atonicidade, perante a maior soma de inferências tomadas, em regra, de número considerável de grandes escritores quinhentistas.

Não deixa de ser, além disso, muito curioso notar que, em obra saída de prelos do mesmo impressor d' «Os Lusíadas», de 1572, António Gonçalves, a *Primeira parte das histórias E contos de Trancoso*, como

---

(\*) Agradeço ao distinto director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Sr. Dr. José Pereira da Costa, a preciosa colaboração que espontaneamente me prestou, como de outras vezes, em 21.10.1985, quando eu pretendia obter confirmação da leitura da forma *Orissa*, incluída em um resumo de página manuscrita constante da Coleção de São Lourenço, III, 373 p., que encontrara mencionada no volume III, p. 219, das «Obras Completas de D. João de Castro», «edição crítica» dos Profs. Luís de Albuquerque e A. Cortesão. Igual reconhecimento exprimo para com a Sr.<sup>a</sup> Conservadora, que nesse dia presidia à leitura e que fizera o obséquio de assistir-me nas dúvidas paleográficas suscitadas pelo documento. De *ho|urüxa* a *hiruxa* (esta da preferência da primeira das entidades referidas) passara-se por *huruxa*, mas nunca por *orissa* ou *Orissa*, no sintagma que abrange «Reino de ...». Certezas últimas desta consulta: o documento é efectivamente datado de 15 de Agosto de 1546 e a forma, cujo registo procurava, termina por *-xa*, sem qualquer espécie de acento gráfico.

ficou ao alto de cada folha interior (como se sabe, faltam o frontispício e a folha 5), de 1571 (o último conto, XX, é datado de 3 de Abril de 1570, segundo se lê na fl. 54r, linha 16), se vêem regularmente marcadas com acento gráfico as tónicas de *nós* (fl. 1r, linhas 12 e 13), *vós* e *só* (fl. 1v, linha 7), *á* (fl. 2v, linhas 22 e 27), *à* (fl. 2, linha 4), *â* (fl. 2v, linha 24), e distingue-se frequentemente o mais-que-perfeito do indicativo, que ocorre, p.ex., em *achára* (fl. 6r, linha 21) e *aproueitára* (*ibid.*, linha 22), consoante as *Regras* de Pêro de Magalhães de Gândavo (1574), pp. 25-28 (as fls. da mancha primitiva não estão numeradas no fac-símile reproduzido em 1981 pela B.N. de L.), do futuro do mesmo modo, como se observa em *aprenderá* e *esprimentará* (fl. 54r, linhas 1-2 e 13-14), embora raro desvio possa aqui ou ali surpreender-nos, e tudo isso muito diversamente do que aconteceu, na generalidade, no texto da Epopeia. Porquê? Maiores cuidados no gramático e no contista do que no poeta? Trabalho oficial de tipógrafos diferentes? Disponibilidade ou carência de tipo? Tipos muito usados e gastos? Com pouca tinta, às vezes?

Reservamos para outra oportunidade outras observações em mais autores contemporâneos de ambos.

Para não esquecer, no estudo que ora nos ocupa, é o registo de *Thome/Thomé* na *Ásia* de João de Barros, década 1.<sup>a</sup>, livro nono, na 1.<sup>a</sup> edição (a de 1552): «..... Meliapor, a que os nössos óra chamam sam *Thome*» (fl. 108v, linhas 12-15); «... do apostolo sam *Thome*» (fl. 108v, linha 15); mas em oscilação com «sam *Thomé*», na mesma página da fl. 108v, linha 30. Recordaremos, ainda, que, na «Miscelânea», est. 275, ed. de Mendes dos Remédios, transcrição do Prof. F. Rebelo Gonçalves, *Tratado de Ortografia*, p. 61, temos *tomee*.

## O CASO DE ORIXA

### A — Cronologia das formas

1. 1546, Agosto 15, em carta de Miguel Ferreira ao Governador da Índia (da Colecção de São Lourenço, do ANTT; cf. 1.<sup>a</sup> nota deste estudo):

*hiruxa* (por hipértese, em relação às outras formas)

2. 1552, *Ásia* de João de Barros, década 1.<sup>a</sup>, livro nono:

*Orixá* (fl. 109, linha 4)

*Orixá* (*ibid.*, linha 8), tal como já aparecera na fl. 108, linha 5:

«...as cento e dez [leguoas] do reino *Orixá*».

Pergunto: assinala o acento agudo, neste caso, a *tonicidade* ou, naquele tempo, apenas a *abertura* (cf. o caso de *sómente*, em Gândavo, por ex.)?

3. 1556, em *carta de D. Antão de Noronha*, incluída no volume 10.<sup>o</sup> (1566-1568), p. 166, da «Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente/coligida e anotada por António da Silva Rego / *ÍNDIA*», Agência Geral do Ultramar, Lisboa:

*Orixaa* («...estaar occupado todo este tempo nas viagens de *Orixaa...*»).

Pergunto de novo: o *aa*, geminado, deste topónimo, como na primeira palavra desta transcrição, *estaar*, indicaria efectivamente -á tónico (cf. caso das formas *Aaquelles* em I, oit. 71, IV, oit. 10, VII, oit. 15, e *aaquella* em II, oit. 73 e III, oit. 88 n.<sup>o</sup> «Os Lusíadas», onde a mesma grafia aponta exclusivamente *abertura* e não *tonicidade*)? E aquele topónimo, *Bragaa*, nesta forma hoje tão esquecida, parece, que o Prof. J. Leite de Vasconcelos incluiu, como veremos, em um dos seus estudos mais largamente difundidos?

4. Ainda no séc. XVI ou já no séc. XVII, no *Livro de Marinharia*, atribuído a Gaspar Moreira:

*Urxia* (no texto desta obra, fixado pelos Profs. Léon Bourdon e Luís de Albuquerque, do códice n.<sup>o</sup> 58 da Biblioteca Nacional de Paris):

«... a restrição de *Urxia*», p. 85;  
 «... terra de *Urxia*», p. 86, linha 2;  
 «... restrição de *Urxia*», p. 86, linha 10;  
 «... terra de *Urxia*», p. 86, linha 11;  
 «... banda de *Urxia*», p. 86, linhas 15-16;  
 «... terra de *Urxia*», p. 86, linhas 16-17;  
 «... banda de *Urxia*», p. 86, linha 17;  
 «... restrição de *Urxia*», p. 87, linha 11.

5. De Gaspar Correia (c. 1495-c. 1565), sabe-se que «Por sonegação do original, só de 1860 a 1931 foram as *Lendas* publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa, em 8 vols.» (Prof. Soveral, no *Dic. de Literatura*, dirigido pelo Prof. J. P. Coelho). Todavia, da ed. de 1975 desta obra, vol. IV, p. 281, regista-se o passo: «...terras de Bisnagá perà banda d'*Orixaa*.»

6. No *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abrahamus Ortelius, Antuérpia, 1570 (cf. Introd. «Beneuolis lectorib.»), INDIA, fl. 48, encontramos as formas *ORIXA* e *Orixa*, ambas sem qualquer acento gráfico.

7. Em 1582 [data da redacção, segundo se indica no prefácio da 1.<sup>a</sup> ed., p. 8 (numeração não impressa); no Ms, cf. fl. 22r], no «LIVRO DAS CIDADES, FORTALEZAS, QVE À (\*) COROA DE PORTVGAL TEM NAS PARTES DA INDIA», encontramos: «Viages [*sic*] de *Orixà*», fl. 90r, com acento gráfico levemente voltado à esquerda (cf. QVEDÀ, na p. anterior) e, nos outros lugares (fl. 91r, 91v, 92r, 92v), *Orixa* (sem acento gráfico).

8. Outros registos:

a) Edições d' «Os Lusíadas» POSTERIORES à morte do Poeta: nas de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1626 — *Orixa*; ed. de 1612 — *Orixà* (tal como nas ed.<sup>s</sup> de 1631, 1633, 1639, 1644, 1651); ed. de 1613 e 1663 — *Orixâ*; ed. de 1669 — *Orixá*.

b) «Vida/de/D. João de Castro/IV. Viso-Rey da India» por Jacinto Freire de Andrade, de 1651: *Orixa* (nenhum acento gráfico; p. 72, linha 3).

c) «Micrologia Camoniana» de João Franco Barreto, de 1672: *Orixá* (com acento agudo no -á; ed. da IN-CM, p. 582).

d) C. 1680 — *Orixa* (nenhum acento gráfico), no mapa intitulado «Demonstração da Emceada de Bengala» de João Teixeira Albernás II, nas «Cartas Portuguesas Antigas na Colecção de Grootte Schuur» de A. Teixeira da Mota, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977, Fig. 13.

9. Critérios de fixação e hesitações em editores, por vezes célebres, e investigadores do texto épico; informações complementares:

a) *Orixa*, segundo o registo de 1572: Morgado de Mateus, Profs. D. Carolina M. de Vasconcellos, José Maria Rodrigues, António Salgado Júnior (*Orixa*, no texto; *Orixá*, no «Elucidário»);

---

(\*) *À*, grafia antiga do artigo feminino, definido, *aberto* (com acento gráfico; neste caso, *grave*): nada de comum com a actual forma *contracta* (cf. trabalhos do Prof. F. Rebelo Gonçalves, *Vocabulário*, letra *A*, à <sup>1</sup> e à <sup>2</sup>), para além da coincidência gráfica e fonética.

Adriano Nunes de Almeida (*Orixa*, no texto; *Orixá*, no Glossário; *Orixá* e *Orissá*, no mapa da p. 432); Prof. António José Saraiva, *Orixa*, no texto e no Vocabulário.

b) *Orixá*: Prof.<sup>s</sup> Epifânio, Otoniel Mota, Hernâni Cidade, Júlio Nogueira, F. da Silveira Bueno, F. Rebelo Gonçalves (cf. «Vocabulário da Língua Portuguesa»: forma oxítone do topónimo — única registada, sem razões da opção).

c) *Oriçah*, *Orissa*, *Orixa* e *Orixá*: 1900, ed. d' «Os Lusíadas», «Diccionario Resumido», do Dr. Sousa Viterbo (p. 539); no texto, *Orixa*, paroxítone (p. 493).

d) «*Orixa = Orissa*», na ed. de 1921 de Artur Viegas, pseudónimo de dois eruditos jesuítas, Padres A. Antunes Vieira e Dr. João Ferreira Fontes (segundo se lê em nota da p. VIII).

e) *Orixá*, oxítone: doutor Campos Monteiro (cf. ed. d' «Os Lusíadas» da Livraria Simões Lopes, Porto — 3.<sup>a</sup> ed. «melhorada»), que, no texto, fixou essa forma, e anotou: «ORIXÁ: antigo reino na costa oriental do Indústão, hoje «Orissah»».

f) *Orissa* (sem acento gráfico), mas sem *-h*, é, efectivamente, a forma registada no «Grande Atlas Mundial/Seleccções do Reader's Digest», 1978, na carta 85 Fd e na «Quarta parte/Índice Geral».

g) *Orissa*, com *-i-* tónico e *-ss-*: forma única que me disse conhecer D. Vanda Noronha, da Embaixada da União Indiana em Lisboa, em 9 de Novembro de 1983 (acrescentou não conhecer *Orixá*).

h) Na já citada ed. do *Livro de Marinharia* atribuído a Gaspar Moreira, códice português n.º 58 da Biblioteca Nacional de Paris, pelos Prof.<sup>s</sup> Léon Bourdon e Luís de Albuquerque, escreveu-se na nota n.º 39: «la banda de *Urixa*, ou *Orissa*, désigne le côté gauche». Lembrarei apenas que, em francês, língua em que esta nota está redigida, a palavra é *forçosamente oxítone*.

#### B — *Linhas de rumo para discutir as opções possíveis*

1. Ninguém tem dúvida acerca da posição do acento tónico nas palavras *metade* e *mezinha*: são tónicas as sílabas *-ta-* e *-zi-*; ambas paroxítonas. Todavia, o falecido Prof. Á. J. da Costa Pimpão exprimiu-se do seguinte modo, no vol. I da sua «História da Literatura Portuguesa», Edições Quadrante, Lda., 1947, pp. 440-441: «As vogais

tónicas [*sic*] orais ou nasais, aparecem frequentemente duplicadas, quer a proximidade destas resulte de síncope da consoante intermédia, quer não: *meetade, pee, fee, preeçam, empeeçer, meezinha ...vaydaade.....*. É evidente que, se em *vaydaade* a vogal tónica aparece duplicada, o mesmo não sucede nem em *meetade* nem em *meezinha* p. ex., onde *ee* pertence a sílaba que precede a tónica, e que é simplesmente *aberta*. O mesmo pode dizer-se de *preeçam*, de *empeeçer*.

Da «era de mil e trezentos e seteenta años» é um documento escrito por Steuam vicente, tabelião de Santarém, onde se alude o «Dom Garçia Meendiz coonigo de *Bragaa*» (Cf. «Apêndice Documental», p. 271, em «Santarém Medieval» por D. Maria Ângela V. da Rocha Beirante, Universidade Nova de Lisboa, 1980).

Por isso, distinguindo magistralmente os conceitos, o Prof. J. Leite de Vasconcellos, nas «Lições de Filologia Portuguesa», 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1926, pp. 158-160, ao enumerar os quatro «casos em que aparecem *geminacões*», precisa, no segundo deles, que «ou [o acento tónico está] antes das duas vogais (*Bragaa*) ou depois (*preegar*).» O primeiro destes exemplos, o do topónimo *Bragaa*, terminado por *-aa*, vogal postónica e aberta, poderia corresponder à forma *Orixaa*, de 1556, com eventual acento tónico na sílaba *-ri-* e com final postónica aberta *-xaa*; e os registos de *aaquelles*, *aaquella*, camonianos de 1572, com *aa* em posição pretónica, não militam também pela tese da oxitonia, no topónimo em apreço.

Impossível, porém, nos precipitarmos desde logo numa conclusão, visto que bem lembrados estamos, por outro lado, da tonicidade indiscutível de *aa* em sílaba final em dois bem conhecidos passos do *Auto da Índia*: «*eramaa*» (v. 14), «A armada *estaa* muyto a piç.» (v. 26). Seria, então, *-xaa*, em *Orixaa*, a sílaba tónica?

De recordar são, ainda, os conhecidos topónimos do *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro («Obras Completas», II, Coimbra, 1971; edição crítica): *chaporaa*, rio ao N. de Goa (p. 187; nota 40), *çaquotoraa* (pp. 193, 194, 198, 199, 200, 205), *calaçaaa* (p. 202), *Judaa* (p. 230), assim como, em João Teixeira Albernás II (Fig. 18) das «Cartas Portuguesas Antigas na Colecção de Groote Schuur», J. I. C. do U., 1977), cerca de 1680, a forma *CHAMPAA*, em maiúsculas, top. asiático.

Certos outros indícios parecem confirmar, por vezes, a validade de algumas hipóteses, mas logo outros, quando menos se espera, irrompem a desmentí-las, ou antes, obrigam-nos a repensá-las, a formular outras, diferentes, por força da natureza dos novos materiais reunidos.

Assim, no manuscrito redigido em 1582, já acima citado em *A 7*, o «Livro das Cidades, Fortalezas ...», ao lado de SÓMENTE (com acento agudo), que aparece com grande frequência (contudo, a fl. 47v, deixou-se *somente*, com simples -o-), podemos colocar as formas VÉDOR (fl. 21v), SÁDIA e BISNAGÁ (ambas na fl. 53v), todas com acentos agudos, correspondente a última àquela que o Prof. F. Rebelo Gonçalves, no seu *Vocabulário*, fixou *Bisnaga*, paroxítona (neste vocábulo, revela-se, pois, este Mestre do século XX menos sensível do que se mostrou na preferência por *Orixá*, oxítona, tomada da lição de Barros, seguindo, afigura-se-me, na via explicativa decorrente do comentário de Epifânio à oit. 120 do c. X).

Continuando atentos às lições deste mesmo ms., poderemos, é certo, constituir dois grupos de grafias que se nos oferecem, como tentação provocante, a enunciar um princípio de oxitonia por virtude da existência do acento gráfico (neste ms., agudo), critério próximo do surpreendido em Barros e em Gândavo, ou da geminação vocálica documentada em Gil Vicente, por ex., entre os autores do século XVI: ora em -á, como *Baçorá* 6r, *Chaporá* 17r, *está* 13r, 14r, 18v..., *poderá* 9r, 10r, 14r, 16r, *importará* 16r, *pedirá* 16v, *aceitará* 16v, etc., ora em -aa, como *laa* 7r, *seraa* 7v, *teraa* 7v, *estaa* 10r, *importaraa* 15r, 16r, *poderaa* 15r e assim por diante, misturando-se as opções distintas até no espaço de uma mesma página. O pior é que, não sendo lícito, em ciência austera, omitir qualquer desvio, por insignificante que pareça, só por vir estragar-nos uma hipótese mesmo amplamente confirmada, não devemos enveredar, sem mais, pela suposição de gralha, quando, ao falar de Ceilão, o autor, na mesma página manuscrita em que alude a «El Rey de *Candea*» (fl. 50r), topónimo de que está ausente qualquer acento gráfico, não hesita em escrever, algumas linhas depois, o sintagma «Reyno de *Candéa*» (com acento agudo no último -a), vocábulo que o Prof. F. Rebelo Gonçalves, no *Vocabulário*, regista no verbete «*Cândia*, top.» (\*). Pergunto apenas se, admitindo dirigir-se a destinatário conhecedor do nome e não muito preocupado com as consequências das opções dos acentos gráficos, o autor não estaria neste caso a marcar a *abertura* da vogal final, insensível à notação da *tónica*, que, nos textos camonianos ditos de 1572, geralmente se não assinala nas proparoxítonas.

---

(\*) *Cândia*, sem sinal de acent. gráfico., numa carta de 1546 (cf. Rego, *Docum.*, 3.ºv., p. 421).

2. O caso da acentuação gráfica que surpreendemos em Barros (*Orixá*) alterna, como também vimos, neste mesmo escritor, com forma onde ela não ocorre: *Orixa*.

Sabemos, é claro, que, no texto datado de 1572 d' «Os Lusíadas», alguns oxítonos em *-á* são por vezes escritos sem qualquer acento: *Esta* (= *Está*) IV, oit. 34 *S D*; *esta* (= *está*) IV, oit. 73 *S* (não em *D*); *Esta* (= *Está*) VI, oit. 13 *S D*; *esta* (= *está*) VIII, oit. 75 *S D*; *esta* (= *está*) VIII, oit. 78 *S D*; *esta* (= *está*) X, oit. 77 *S D*; *esta* (= *está*) X, oit. 97 *S D*; *esta* (= *está*) X, oit. 145 *S D*. Para além destas formas de *estar*, temos o caso de *oula* (= *oulá*) V, oit. 35 *S D*.

Nada repugnaria, pois, aceitar-se também que *Orixa* estaria por *Orixá*. Examinemos, contudo, a grafia dos vários topónimos terminados em *-a*, oxítonos ou paroxítonos, na mesma ed. *princeps* (diferentes de *Orixa/Orixá*), sem omissões:

a) OXÍTONOS: *Barborá* (X, oit. 50), *Baticalá* (X, oit. 66), *Canará* (VII, oit. 21), *Champà* (X, oit. 129), *Gidá* (IX, oit. 3; X, oit. 50 e 99), *Maçuá* (X, oit. 97) | *Maçuà* (X, oit. 52), *Nobá* (X, oit. 95), *Pondá* (X, oit. 72), *Quedá* (X, oit. 123), *Sabá* (X, oit. 52), *Sanagá* (V, oit. 7), *Socotorá* (X, oit. 137).

De notar que se acentuou também graficamente o antropónimo oriental *Saramá* (VII, oit. 32).

Pergunto: seria o caso de *Orixa* por *Orixá* (digamos ou escrevamos, também, segundo as oscilações gráficas do tempo: *Orixá* ou *Orixà*) singular desvio em todo este harmonioso conjunto — e simultaneamente em *S* e em *D*? Desvio equivalente a gralha tipográfica, por omissão de acento gráfico, que não ocorreu em *nenhum dos outros* topónimos de igual terminação? Ou estaremos diante de um paroxítono puro e simples?

b) PAROXÍTONOS: *Beadála S Beadàla D* (X, oit. 65); *Barbaría S D* (V, oit. 6); *Sequàna S D* (III, oit. 16) [e, além dos top., *varía S D* (X, oit. 84), do v. *variar*]. Observo, neste caso, que estes paroxítonos em *-a* se encontram acentuados graficamente. Não assim, quanto a *Orixa*, repete-se.

c) *Acentuação gráfica quinhentista, funções e valores dos acentos observáveis nos exemplares datados de 1572 d' «Os Lusíadas»*. — Quando se pretende emitir um juízo fundamentado acerca de um caso de tonicidade ou de abertura vocálica nesta época, sente-se

agudamente a falta de ampla e suficientemente documentada indagação que integre, em cuidada reflexão autónoma, este aspecto da história da língua, com sérios envolvimento tanto na articulação ou pronúncia como na exacta ortografia correspondente.

Não seria útil começar-se por examinar o comportamento dos gramáticos do tempo, os seus eventuais enunciados teóricos e a sua prática gráfica, em confronto com a de outros escritores seus contemporâneos? Mas conforma-se, neste particular, a escrita camoniana (quero dizer: dos autores de manuscritos e textos impressos que são atribuídos ao Poeta) com os critérios de João de Barros e com as *Regras* de Magalhães de Gândavo (este tão bem relacionado com Camões, que, na «Historia da prouincia sãcta Cruz» deste último, para sempre e como testemunho de amizade, ficaram os versos «Depois que Magalhães teue tecida/a breue historia...»)? Não haverá oscilações profundas, momentos de confusão, entre tonicidade e abertura vocálica, nesses vários autores? Ou, pelo contrário, era o acento gráfico (agudo, grave, circunflexo) índice seguro de marcação da tónica?

Formulei a mim próprio estas perguntas e esforcei-me por encontrar-lhes respostas documentadas e satisfatórias (fi-lo em tentativa e projecto de incipiente relatório, ainda inédito, que dei por findo em 11.1.1985 e que era apenas destinado a problematizar alguns critérios de fixação do texto épico), porque não encontrara em publicações de meu conhecimento as certezas inequívocas e inabaláveis que buscava: nem nos estudos do Prof. Júlio Nogueira de 1960 (ed. d' «Os Lusíadas», com *Introdução*, onde, a p. 15, trata do emprego dos acentos circunflexo, grave e agudo, separadamente, sem qualquer relação explícita com critérios implícitos e, em gramáticos, explícitos, noutros quinhentistas, e o mesmo se verifica em relação aos três verbetes, que àqueles acentos respeitam, do “Dicionário e Gramática de «Os Lusíadas»”, p. 12, do mesmo A.); nem no aparato da própria edição do Prof. Epifânio Dias, pelo inconveniente original de se servir da 2.<sup>a</sup> edição, a de 1628, das três primeiras décadas da *Ásia*, como declara a p. XXXIX, e não da 1.<sup>a</sup> de cada uma delas: a de 1552, a de 1553 e a de 1563 (e, se isto tivera feito, haveria encontrado registos alternantes do único e indevidamente acentuado com acento circunflexo, que o teriam levado a hesitar por certo na forma por que optou, *Orixá*: cf. aparato correspondente aos vv. 5-8 da oit. 120 do c. X). Acres-

cente-se que o Prof. F. Rebelo Gonçalves, aliás tão geralmente rigoroso e munido de ampla e selectíssima documentação, nos não apresenta, no seu excelente *Vocabulário*, Coimbra Editora, Lda., 1966, justificação desta escolha oxítone, possivelmente confiado na habitual solidez do Mestre que o próprio Prof. J. Leite de Vasconcellos tratava e acolhia com respeito (vd. *Lições*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 74, nota 2).

Em face destes factos, parti, com as observações de que dispunha (tomando-as de textos quinhentistas originais, fac-símiles), para a tarefa de isolar um certo número de inferências-regras, por que continuo a nortear-me. Veremos — e só quanto a paroxítonos (que, nesta pesquisa são de particular importância) — que se vislumbra um sistema coerente de acentuação gráfica e que, por isso, o caos da grafia é aparente.

Pelo menos em grande número de casos, exactamente como sucede com a generalidade dos proparoxítonos (\*), as palavras paroxítonas não aparecem graficamente acentuadas n' «Os Lusíadas»: *Nectar* (I, oit. 41), *inuencibil* (VIII, oit. 6), *terribil* (I, oit. 14, IV, oit. 28). *Beadâla S Beadâla D*, topónimo oriental, constitui excepção a esta norma. Além disso, identificam-se as seguintes situações em que manifestamente se acentuam:

a. No hiperbibasmo, para marcar a insólita deslocação da tónica: *Climêne* (V, oit. 7), *Semirâmis S Semirâmis D* (III, oit. 100), *Sequâna* (III, oit. 16), *Barbaria* (V, oit. 6). O caso de *Aromâta S* (X, oit. 97) ocorre em estrutura rítmica de *gaita galega* (acentos na 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>).

b. Na distinção de *homógrafos* oxítonos correspondentes: *escuitârão S escuitârão D* (IV, oit. 28).

c. No evidenciar uma *diérese*, ou decorrente de um hiperbibasmo — *Leucothôe S Leucothòe D* (III, oit. 1) —, ou inerente ao contexto rítmico — *cáe*, ainda que só em *D* (IX, oit. 47).

A reforçar o sentimento que desta visão decorre — o da regularidade apreciável da acentuação gráfica nos nossos escritores do

---

(\*) Salvo em pouco numerosos casos, que já procurei identificar, como o de *Rôdano*.

séc. XVI — vêm aspectos notados em J. de Barros e em Magalhães de Gândavo:

a) J. de Barros está visivelmente muito preocupado com o assinalar correctamente a posição da tónica, e fá-lo pelo uso frequentíssimo do acento agudo. Assim:

— Em «Dialogo de Joam de Barros com dous filhos seus, sobre preceptos morâes, em modo de jogo» (1563), fac-simile da BNL, de 1981: António, óras próprias, theórica, morál, estudâes, póde, práctico, theórico, memória, máis, saberás, tratár, módo, hómens, criádos, terminádas, demonstrár (p. 2); quáes, buscáram, Isópo, chegár, materiáes, anós (= a nós), módo, pintáram, pártes, óbras, tratáram, cása, módo, propósito, filósofo, ficáram, memória, cómo, memória... (p. 3);

— Na *Gramática* do mesmo A., em uma das suas páginas: diuisám (duas vezes), obrár, pessoál (duas vezes), racionál, pessoáes, coniugaçam, especiál...

b) Pêro de Magalhães de Gândavo, nas suas *Regras*, em cuja portada se lê «Anno de 1574» (cf. fac-simile da BNL, de 1981, p. 27) também assinala correctamente a posição da tónica com acento agudo, distinguindo assim os mais-que-perfeitos dos futuros dos verbos: *alcançára, louuára, agradecéra* (tempo passado) e *alcançará, louuará, agradecerá* («quando falarem do por vir»). É aliás prática ortográfica que se vê acatada, também, nos *Contos & Historias* de Trancoso, de 1575.

É, contudo, perturbador, aparentemente, que o mesmo Magalhães de Gândavo registe *sómente* tanto nas *Regras* (v.g., p. 67, linhas 16-17), como na *Historia da prouincia sãcta Cruz* (v.g., fl. 5v, linha 18; 36r, linha 18; 40v, linha 9), talvez por uma consciência apreciável da composição da palavra, considerados autónomos, embora graficamente unidos, os elementos que a compõem: *só + mente* (\*).

Aquela *regularidade* comum aos dois gramáticos e a outros escritores seus contemporâneos, *profusão* das formas acentuadas, e o critério de *frequência* (frágil e pouco expressivo, nesta situação concreta de *sómente*) — duas vezes *Orixá* contra uma vez *Orixa*, nos lugares atrás citados da ed. 1552 da *Ásia* — dariam assim força tímida

(\*) Ou por outro motivo, como nos segredam os casos, já citados, de *vêdor, sádia, Bisnagá*: o de marcar a *abertura* vocálica, e não a *tonicidade*.

(duas formas acentuadas como oxítonas, em confronto com uma única privada de acento gráfico — ou por critério do A., ou por descuido do tipógrafo) aos que defendem a tonicidade da última no passo camoniano em estudo.

3. *A forma do topónimo no contexto rítmico.* — Se se optar pela forma oxítona, a sílaba final coincide com a 4.<sup>a</sup> do decassílabo, e sabemos que, muitas vezes, o Poeta usou combinar os acentos na 6.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> com a acentuação na 4.<sup>a</sup>. Ficaria, então:

Corre Orixá de *roupas* abastada  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
 Cf. A Fé, o Império, e as *terras* viciosas  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A opção contrária, a paroxítona *Orixa*, leva à coincidência a tónica *-ri-* com a 3.<sup>a</sup> sílaba métrica do decassílabo:

Corre Orixa de *roupas* abastada  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Cf. outros versos heróicos do tipo:

Foi de *mi* vosso *rio* alegremente  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

4. A forma com *-x-* está largamente documentada, como se viu; e assim, sem dúvida, é preciso fixá-la. Não deixemos, porém, de compreender as outras formas, aparentemente estranhas, com *-ss-* / *-ç-*, tendo presente a doutrina de A. R. Gonçalves Vianna, em «Exposição sobre a pronúncia da Língua Portuguesa», «Observações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões», § 33, n.ºs I, II e III, pp. XLIX-L, e ainda a referência da Prof.<sup>a</sup> D. Maria Helena Mira Mateus *et alii*, «Gramática da Língua Portuguesa», Almedina, Coimbra, 1983, p. 16: «[s] sol, [ç] sabe (dial.)». Lembremo-nos das formas, que ocorrem em D. João de Castro, *dixe, dixeram* (*Obras Completas*, ed. crítica, vol. II, Coimbra, 1971, p. 192) e de *xuarit/Suarit/Xarit* (*ibid.*, p. 303, nota 368).

5. Rematemos esta parte do presente estudo:

a. Globalmente, importa sublinhar as limitações do nosso próprio averiguar (quantidade de Autores distintos e de outros

que conviria examinar, sem quaisquer preferências, salvo as de índole documental, surpreendendo-os na espontaneidade de seus registos ou na grafia meditada a que se obriguem): condicionaram sempre, creio, a marcha da nossa reflexão.

b. Tanto quanto pudemos inferir, só com muita reserva optaríamos por qualquer das formas: não apontam em um único sentido as anteriores — de meu conhecimento — a 1572, nem as imediatamente posteriores à publicação da Epopeia; há oxítonos em *-a* simples (*esta* por *está*, *oula* por *oulá*), sem qualquer acento gráfico, mas anotou-se que seria caso insólito n' «Os Lusíadas» um *Orixa* oxítono, no conjunto regularíssimo dos restantes em *-â -à*, e alertou-se a atenção do leitor para a normalidade da acentuação gráfica dos paroxítonos de igual proveniência, assim como a consciência nítida e inequívoca que Barros e Gândavo mostram possuir de vogal tónica; pareceu-nos frágil a preferência fundada em um critério de simples frequência, pela exiguidade dos casos disponíveis; vimos como também que não era susceptível de sugerir a buscada solução o conhecimento da estrutura rítmica do decassílabo camoniano; entreviu-se implicitamente uma articulação de tipo *Orixà*, em rigorosa acentuação nossa contemporânea, outrora correspondente a *Orixa*, *Orixá*, *Orixà*, *Orixâ*, *Orixaa*, com tónica *-ri-* e *-xa* apenas aberta.

c. Esta última hipótese — a de paroxítona — tem o interesse de espelhar-se, por assim dizer, na acentuação consagrada na ortografia de hoje — *Orissa* — com o *-a* átono muito reduzido, em Portugal europeu, semelhante ao de *partir*, que, na «Gramática da Língua Portuguesa» da Prof.<sup>a</sup> D. M.<sup>a</sup> H. Mira Mateus, *et alii*, Almedina, Coimbra, 1983, p. 22, se representa por *partir*, diferente do brasileiro *partir*.

## O CASO DE CHALE

### A — Cronologia das formas

1. Entre 1530 e 1536, em um verso da «Miscelânea» de Resende, da est. 275, reproduzida da ed. de Mendes dos Remédios (cf. Prof. F. Rebelo Gonçalves, *Tratado de Ortografia*, p. 61, nota 1, onde é considerada *trissilábica*), a forma:

*Chaale*

Note-se que a referida obra, a «Miscelânea», «só apareceu pela 1.<sup>a</sup> vez em acrescento a uma nova ed. da anterior, feita em Évora em 1554» (cf. «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura», Verbo, verbete assinado por D. Esther de Lemos, coluna 388 do vol. 16.º: inteira concordância com a afirmação do Prof. Carlos Eduardo de Soveral, «Dicionário de Literatura», vol. 2.º, dirigido pelo Prof. Jacinto do Prado Coelho (p. 924, 3.<sup>a</sup> coluna).

O Prof. Á. J. da Costa Pimpão, porém, com toda a precisão e clareza, deixara escrito: «Na 2.<sup>a</sup> edição das suas obras (1554) foi recolhida a *Miscellanea & variedade de historias, costumes, casos & cousas que em seu tempo accontesceram*, obra métrica redigida nos últimos anos da vida do velho cortesão (depois de 1530 e até princípios de 1536, em que faleceu») (cf. «História da Literatura Portuguesa», vol. I, Ed. Quadrante, Coimbra, 1947, p. 412).

2. 1546, Fevereiro, na «Acta de Abertura», em «Documentos para a História das Missões do Padroado Português do Oriente», coligida e anotada por António da Silva Rego, vol. 3.º, p. 284:

*Chale*

3. 1552, na *Ásia* de João de Barros, 1.<sup>a</sup> década, livro nono, fl. 107v:

*Chále* (com acento agudo no -a-)

4. 1566, 17 de Dezembro, em carta de Goa de D. Antão de Noronha:

*Chale* (sem qualquer acento gráfico)

5. 1570, estampa 269 de Fernão Vaz Dourado:

*Challe* (sem qualquer acento gráfico; com -ll-)

6. 1570, 3 de Jan., na *Carta anual do Colégio de Cochim*:

*Chale* (sem acento gráfico)

(Cf. mesma colectânea mencionada no número seguinte).

7. 1570, 1 de Março, no «Regimento sobre o comércio do Oriente», de Évora (Cf. «Documentos para a História das Missões do Padroado Português do Oriente», vol. 11.º, pp. 49 e 50):

*Challé* (com acento agudo no -e)

É o primeiro registo que conhecemos da forma como aparentemente oxítone.

8. 1580, Jorge de Lemos, «Descripçam dos Cercos de Malaca», primeira parte, fl. 3r, penúltima linha:

*Chale* (sem qualquer acento gráfico)

9. 1584 (ed. dos *Piscos*), do editor Manoel de Lyra (fl. 177r):

*Chale*

10. 1591, ed. d' «Os Lusíadas» do mesmo Manoel de Lyra (fl. 118v):

*Chale*

11. 1597, outra ed. d' «Os Lusíadas», de Manoel de Lyra (fl. 119r):

*Chale*

12. Fins do séc. 16 ou princípios do séc. 17, *Livro de Marinharia* de Gaspar Moreira (códice n.º 58 da Biblioteca Nacional de Paris):

*Challe e Chale*

(Na ed. dos Profs. Léon Bourdon e Luís de Albuquerque, da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1977, p. 55).

13. 1602, Diogo do Couto, *Década Quarta da Ásia*, ed. de Pedro Crasbeeck, Lisboa:

— *Chale* (sem qualquer acento gráfico):

«...fez em *Chale...*» (Livro sétimo, capítulo 14 (= § 14); não há fl.);

«De como o Governador Nuno da Cunha

chegou a *Chale...*» (fl. 143 r, 1.ª col.);

«...o Governador em *Chale...*» / «E logo se foi a *Chale...*» (fl. 143v);

— *Chalé* (com acento agudo no -é):

«...foi deitar ferro sobre a barra de *Chalé...*» (fl. 143r, 1.ª col.)

14. 1609, ed. d' «Os Lusíadas» (fl. 119r):

*Chale*

15. 1612, ed. d' «Os Lusíadas»:

*Chalè* (com acento grave na última vogal)

É a primeira vez que, em ed. da Epopeia, surge esta palavra com acento gráfico na última sílaba.

16. 1613, ed. d' «Os Lusíadas»:

*Chalê* (com acento circunflexo no -ê)

17. 1626, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chale* (sem qualquer acento gráfico)
18. 1631, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalè* (com acento grave no -è)
19. 1633, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalé* (com acento agudo no é final)
20. 1639, ed. d' «Os Lusíadas» de M. de Faria e Sousa (col. 265, t. 2.º):
21. 1644, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalé* (com acento agudo na última vogal)
22. 1651, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chale* (sem qualquer acento gráfico)
23. 1663, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalè* (Com acento grave na última vogal)
24. 1669, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalè* (com acento grave na última vogal)
25. 1670, ed. d' «Os Lusíadas»:
 

*Chalé* (com acento agudo na vogal final)
26. 1672, *Micrologia Camoniana*, ed. IN-CM, de J. Franco Barreto:
 

*Chalé* (com acento agudo na vogal final)
27. C. 1680, João Teixeira Albernás II, em um dos seus mapas:
 

*Chalé* (com acento agudo na vogal final)
28. 1702, ed. d' «Os Lusíadas» (cf. p. 237):
 

*Chaul* (com -au- e sem -e)

Aproxime-se esta forma da da «Acta de Abertura» de 1546 (cf. n.º 2): *Chaule*.

*Nota.* — Independentemente da qualidade do valor documental do Ms. 223, N.º 23, da BNL, anoto que, aí, neste lugar do Poema, onde estava impresso *Chalé*, cortaram-se *a* e *é* e, à margem, como reprodução do Ms., puseram-se, para substituições respectivas, *á* e *e*, produzindo-se, deste modo, a forma *Chále*, notavelmente coincidente com a de João de Barros.

28. Critérios de fixação em editores posteriores, por vezes célebres e em outros investigadores do texto; informações complementares e comentários:

a) *Chale*, segundo o registo de 1572: Morgado de Mateus (só em X, oit. 61); Prof. Epifânio Dias (só em X, oit. 61); Profs. José Maria Rodrigues, Antenor Nascentes, Hernâni Cidade, Júlio Nogueira, António Salgado Júnior; Adriano Nunes de Almeida; Profs. F. Rebelo Gonçalves (*Tratado e Vocabulário*), António José Saraiva.

b) *Chalé*: Morgado de Mateus (só em VII, oit. 35); Prof.<sup>a</sup> D. Carolina M. de Vasconcellos; Prof. Epifânio da S. Dias (só em VII, oit. 35 e no *Índice*); Lencastre; Prof. Otoniel Mota; Afrânio Peixoto e Pedro Pinto (*Dicionário*).

c) *Informações complementares e comentários*:

— Estudo da terminação *-ale* na Epopeia. — Mediante a utilização do *Índice* do Dr. Telmo Verdelho, verifica-se: há apenas um topónimo paroxítono acentuado graficamente: Cutiãle *S* Cutiãle *D* X, oit. 59; o mitónimo feminino *Ônfale* aparece impresso *Omfale* III, oit. 141 *S D* (grafia semi-etimológica, com *-m-*: *Omphālē, ēs* / *Omphāla, ae*; ou paroxítono, na Epopeia por hiperbibasmo, para que a segunda sílaba da palavra coincida com a 4.<sup>a</sup> do decassílabo, ou proparoxítono, com pronúncia originária, como fixou o Prof. Cidade, por conterem «Os Lusíadas» igualmente versos heróicos acentuados na 3.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>). Das restantes palavras com a mesma terminação, mas oxítonas, valerá somente a pena realçar o caso de *galés(s)*, que apresenta as seguintes oscilações gráficas: *galês S galês D* VIII, oit. 16, v. 7; *gales S D* VIII, oit. 17, v. 4; VIII, oit. 34, v. 8; X, oit. 101, v. 7. Não são acentuadas graficamente *fale, Chale, ygoale, vale(s)* s.m.

— Conquanto tardia (de 1975 (\*)), registamos de ed. recente das *Lendas da Índia* de Gaspar Correia:

*Chale* — duas vezes (III, 302, 350, 434, 435 *bis*; entre a p. 438 e a p. 439, desenho onde se representam o rio, a povoação e a fortaleza de *Challe*, com dois *-ll-* e sem qualquer acento gráfico;

---

(\*) Infelizmente, o não ser crítica esta ed. reduz e poderá até anular, total ou parcialmente, o valor e o interesse das observações que nela colhemos.

*Chalé* — quarenta e cinco vezes (III, 439, 440, 441 bis, 443, 446, 448, 582 bis, 699, 775, 833, 881; IV, 102, 103 *quater*, 140, 164 bis, 217, 219, 230, 250 *ter*, 427, 430, 674 *ter*, 684, 691 *sexies*, 692 bis, 693, 695, 696 e 719.

— Em relação à contagem das sílabas métricas de *Chaale* no passo da *Miscelânea* de Resende, citado pelo Prof. F. Rebelo Gonçalves (*Tratado de Ortografia*, p. 61), pode efectivamente aceitar-se a hipótese de trissílabo, com fundamento na escansão:

quí-loa Cha-a-le A-guz  
1 2 3 4 5 6 7

Note-se, em primeiro lugar, que a estrofe é formada de septissílabos:

Tem Cei-ta, tan-ger, ar-zi-lla  
1 2 3 4 5 6 7  
ço-fa-la muy ri-ca vi-lla  
1 2 3 4 5 6 7  
mo-çam-bi-que, san-cta cruz  
1 2 3 4 5 6 7

Depois, que aquela primeira divisão se funda no pressuposto de que *-loa* se conta como monossílabo, com a mesma sequência vocálica que se surpreende em passos das *Éclogas* de Bernardim Ribeiro, contemporâneo do Autor (cf. *Écloga* 2.<sup>a</sup>, ed. R. Lapa, 3.<sup>a</sup> ed.):

Ja-n(o), em ven-do-a, foi pas-ma-do  
1 2 3 4 5 6 7 (p. 21, v. 7)  
to-man-do-a, cre-ceu-lh(e) a má-goa  
1 2 3 4 5 6 7 (p. 25, v. 20)  
ven-do-a, Fran-c(o) al-vo-ro-çou-se  
1 2 3 4 5 6 7 (p. 39, v. 10)

Entretanto, não deve esquecer-se que, em outros passos do mesmo Bernardim, se documenta a leitura com o *hiato* *o/a*, o que me parece consentir também a divisão *quí-lo-a*, coincidente com a actual do século XX:

mou-ro-m(e), an-dan-do as-si (*Écloga* 3.<sup>a</sup>, ed. R. Lapa, 3.<sup>a</sup> ed.,  
1 2 3 4 5 6 7 *ibid.*, p. 53)  
seu ga-do / a-pas-cen-tar (*Écloga* 1.<sup>a</sup>, ed. R. Lapa, 3.<sup>a</sup> ed., p. 1)  
1 2 3 4 5 6 7

Sublinho que tomo várias observações supra da obra bernardiana, e critérios de divisão silábica, que explicito, do trabalho do

Prof. Celso Cunha, «Estudos de Versificação/Portuguesa/(Séculos XIII a XV)», Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1982, pp. 306-307; e tenho presente o número 10 do *Valor dos Grafemas E e O em sílaba átona* dos «Estudos Linguísticos» do Prof. G. Herculano de Carvalho, vol. 2.º, Atlântida Editora, Coimbra, 1969, p. 91, nota 24.

Daí o supor eu igualmente admissível estoutra leitura do citado verso da «Miscelânea»:

quí-lo-a Chaa-le A-guz  
1 2 3 4 5 6 7

É evidente que, nesta outra hipótese, teríamos dissilábica a forma *Chaale*; mas, quer com os dois *aa* dissociados, quer articulados como um único, *aberto*, o aspecto mais grave do problema de que nos ocupamos subsiste, porquanto em qualquer dos casos é possível ler [ʔ(ʔ)ʃa(a)-lɐ] ou [(ʔ)ʃa(a)-lɐ], paroxítono ou oxítono, visto que no septissílabo podemos encontrar *tónica* tanto a 3.ª como a 4.ª ou a 5.ª sílaba métrica (cf. alguns dos outros versos há pouco transcritos).

Decisiva, pois, a forma *Chaale* no estudo do problema em apreço? Mais expressiva e inequívoca a forma *Chále*, documentada em João de Barros, na *Ásia*, como vimos, em face do largo uso do *acento agudo na tónica*, como atrás deixámos exemplificado, a propósito de *Orixal Orixá*?

— De considerar ainda neste contexto o caso do topónimo brasileiro *Chalé*, que se documenta em mapas actuais do Brasil e no poema «No fundo do Rio Rio» de Paulo Mendes Campos, publicado em *Colóquio/Letras*, n.º 37, Maio de 1983, p. 42, penúltimo verso? E que pensar da homófona, na expressão «Cerro de *Xal*», no México (cf. «Grande Atlas Mundial», Selecções do Reader's Digest, Qg, 41, dirigido pelo Prof. da Univ. de Cambridge, Frank Debenham)?

— Terá sucedido à palavra *Chale* algo de semelhante ao que se verificou com *Aue* (lat.), paroxítono, que latinistas e sacerdotes católicos assim pronunciam, mas que as multidões cantantes substituem por *Avé*, oxítono?

— Segundo os Profs. Léon Bourdon e Luís de Albuquerque, ed. de o «Livro de Marinharia» (\*) de Gaspar Moreira, hoje, trata-se de *Chaliyam*, na margem esquerda do Beypur.

(\*) Cf. nota n.º 93, p. 55 da correspondente edição.

## RESUMO INTERPRETATIVO DAS SEQUÊNCIAS DIACRÓNICAS

Se a forma *Chaale* é a 1.<sup>a</sup> também minha conhecida, em ordem de produção, dissilábica ou trissilábica, sem informações de outra natureza, ela não basta para decidirmos se é apenas *aberta* ou também *tónica* a sílaba *-le* por que termina.

É certo que, na evolução e história da palavra, se não documentou a forma *\*Chalee*, e que, por outro lado, *Chalè*, *Chalê*, *Chalé* são relativamente recentes, ainda que *Challé* seja de tempo camoniano, como vimos.

Mais três observações:

a) D. Rafael Bluteau, no *Vocabulário Português e Latino*, T. 8, p. 610, 2.<sup>a</sup> coluna, escreveu: «*Xael*. Cidade da Índia com Fortaleza, que senhoreava hum porto, que era principal Escala dos poucos que tinha el-Rey de Caxem. De como os Portuguezes ganhãrão esta Praça, sendo Fernão Pires o primeiro que subio por hũa escada. Vid. Jacinto Freire, pag. 410, & 412.» Acontece, porém, que a última página da única obra deste A., mencionada no *Dicionário de Literatura* da direcção do Prof. J. do P. Coelho, a *Vida de D. João de Castro*, é a 370; e, por outro lado, segundo Fernão Lopes de Castanheda, em «Hos dez liuros da Historia...» (1.<sup>a</sup> ed., 1554; BNL, Reserv. 422-427V), «*Xael* (...) está na mesma costa Darabia cincoenta r cinco legoas Dadê» (livro 6.<sup>o</sup>, p. XXX, 2.<sup>a</sup> coluna, linha 7). A forma *Xael* alterna com *Xaell* e *Xaer*, e identifica-se com a actual *Ash Sher*, conforme a nota 617 do vol. II das citadas «Obras Completas de D. João de Castro», ed. crítica pelos Profs. A. Cortesão e L. de Albuquerque. A consulta aos serviços de Cartografia antiga da B.N.L., do ANTT, a leitura de outros cronistas e autores de roteiros também nos não trouxeram informações susceptíveis de identificar *Xael* com *Chale* da Índia.

b) Além disso, no *Glossário Luso-Asiático* de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, vimos o seguinte verbete:

«*Chale* (marata-conc. *tçāl*), s.m. (ant.) Edifício estreito e comprido, ocupado por lojas ou oficinas; quarteirão habitado por certos artífices, alcaçaria. Alguns lexicógrafos acentuam *chalé*, não sei com que fundamento.» Ainda que não trate do

topónimo, esta referência à acentuação do nome comum tem para nós muito interesse, assim como, em «1727 *Chale*. He hum Palmar da Índia Portuguesa....», que toma de D. Rafael Bluteau aliás, em qualquer dos casos, sem alusão a qualquer forma com *X*-.

c) Finalmente, na métrica dos dois vv. d' «Os Lusíadas», onde se lê *Chale*:

De *Cha-l(e)* as *tor-res al-tas er-gue-rá* (c. X, oit. 61, v. 3)  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Verso heróico, com acentos secundários em *Cha* e em *to(r)*-.

A qual *Cha-l(e)*, a qual a *i*-lha da *Pi-men-ta* (VII, oit. 35, v. 2)  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A pausa não obsta à elisão; e, por outro lado, a sequência *a i*, por assimilação sintáctica, gera, natural e espontaneamente, *e i* e logo inevitável ditongação [áj]\*. Outro verso heróico, com acento secundário na terceira, como sucede noutros lugares da Epopeia, embora contra o critério do Morgado de Mateus e do próprio Prof. Epifânio Dias.

#### O CASO DE TAVAI/TÁVAI

É corrente, em edições da Epopeia, o considerar-se este topónimo como oxítono, pela coincidência entre a última sílaba dele e a 4.<sup>a</sup> sílaba do decassílabo, onde se encontra.

Se nos ativermos aos exemplares *S* e *D*, em X, oit. 123, a inexistência de qualquer acento gráfico parece confirmar essa leitura; mas se bem atentarmos em outro, que designamos por *S*<sub>4</sub>, reproduzido pelo Prof. A. G. Cunha, *Índice*, e pela *Revista de Portugal*, 1943, a fl. 181r, observa-se um sinal, acima do *a* nessa palavra, que julgo tender para um acento agudo, talvez de aspecto reduzido por simples falta de tinta. Ora importa relevar que, na 1.<sup>a</sup> edição da *Ásia* de João de Barros, encontrei, em dois lugares, a forma *Táuay*, na Década primeira, livro

\* Cf. Prof.<sup>a</sup> D. Maria Helena Mira Mateus *et alii*, «Gramática da Língua Portuguesa», *Semivogais*, p. 525; e *O Acento da palavra em Português* [Uma Nova Proposta], «Boletim de Filologia», Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Tomo XXVIII, 1983, fascículos 1-4, p. 216, n.º II.

nono, fl. 109r, linha 30 e, nesta mesma página, na quinta linha a contar do fim.

Diversamente, na «Taboada das Latitudes, & Longitudes...» da «Arte de Navegar» de Manuel Pimentel, 1.<sup>a</sup> ed. 1699, reed. em 1969 da Junta de Investigação do Ultramar, p. 310, lê-se *Tauay* sem qualquer acento gráfico, tal como na *Micrologia Camoniana* (1672).

Não havendo consagrado ao estudo deste topónimo observações tão extensas como as que atribuí ao dos outros dois precedentemente considerados, suponho encontrar justificação do desequilíbrio aparente no sentimento de haver localizado em um dos exemplares datados de 1572 — o S<sub>4</sub> — d' «Os Lusíadas» o fundamento (*Táuay*) da oscilação gráfica, em relação aos impressos de outros exemplares da mesma Epopeia (*Tauay*), sem esquecer que a forma graficamente acentuada se encontra também na 1.<sup>a</sup> edição da *Ásia* de Barros, como digo acima.

Como anotações críticas e supostas pertinentes, deixaremos, em face do que dito está, apenas o seguinte:

1.<sup>o</sup> — Estranhámos não haver o Prof. José Maria Rodrigues, nas «Fontes dos Lusíadas» (cf. 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1979, p. 358), reproduzido as formas do topónimo com acento agudo no *a* da 1.<sup>a</sup> sílaba, mas sim *Tauay*, tal como fixa, por outro lado, na «Edição Nacional» da Epopeia;

2.<sup>o</sup> — Tomando o Prof. Epifânio Dias como fundamento da sua opção *Orixá*, em X, oit. 120, a forma que registou *Orixâ* (da 2.<sup>a</sup> ed. da *Ásia* de João de Barros de 1628), em vez de *Orixá* e *Orixa* (da 1.<sup>a</sup> ed. deste mesmo cronista (*Ásia*, déc. 1.<sup>a</sup>, Lisboa, 1552) — o que já é muito para lamentar —, por que motivo fixou *Tavai*, oxítona, e não *Távai*, paroxítona, quando é certo que os lugares do mesmo Barros que mostra transcrever daquela ed. de 1628 apresentam, segundo transcrições do mesmo Professor, *Táuay* e *Tauay* (cf. aparato de X, oit. 123)?

3.<sup>o</sup> — Até o momento em que estamos a redigir este trabalho, já encontrámos editores que fixaram, em X, oit. 123, *Távai*, paroxítona: os Profs. Agostinho Fortes (ed. 1936, p. 378), Hernâni Cidade (ed. Sá da Costa, 1947, Lisboa, *Luís de Camões/OBRAS COMPLETAS, volume V/Os Lusíadas (II)*, p. 247) e Silveira Bueno (ed. 1965, segundo me informou o A.; «edição crítica» publicada por Edições Ouro, Rio de Janeiro, Brasil). Os menos avisados?

4.<sup>o</sup> — Entre os editores que optaram pela forma oxítona, *Tavai*, posso mencionar: Morgado de Mateus (tenho presente a ed. de 1836), Profs. Epifânio Dias, Mendes dos Remédios, José Maria Rodrigues,

Otoniel Mota, Júlio Nogueira (no texto e no *Dicionário*), António Salgado Júnior, António José Saraiva e muitos outros [neste século, refiro ainda: José Agostinho, Artur Viegas, H. Guedes de Oliveira, Adriano Nunes de Almeida (texto, glossário e mapa), Manuel dos Santos Alves, D. Letícia Dionísio]. Seguiram lição diferente da de  $S_4$ , em outros exemplares igualmente datados de 1572.

5.º — Duas outras palavras terminadas por *-ay* se encontram n' «Os Lusíadas»: *Chiamay* (X, oit. 125) e *Sinay* (X, oit. 99), que são indiscutivelmente oxítonas nos versos onde se encontram:

Do | gran|de | la|go | que | Chia|may | se | cha|ma — verso *sáfico*  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
 O|lh(a) o | mon|te | Si|nay|, que | s(e) e|nno|bre|ce — verso *heróico*  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Quanto ao topónimo, estudado em terceiro lugar, que vem sendo objecto destas considerações, pertence a um verso *heróico* (acentuado, pois, na 6.ª e 10.ª), e possui também acento secundário ou na 3.ª ou na 4.ª:

O|lha | Ta|uay / (Tá|uay) | ci|da|d(e), on|de | co|me|ça  
 1 2 3 4 3 4 5 6 7 8 9 10

Confrontêmo-lo com outros versos bem conhecidos, acentuados claramente na 3.ª, 6.ª e 10.ª:

E em | pe|ri|gos| e | gue|rras| es|for|ça|dos  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
 E en|tre |gen|te | re|mo|t(a) e|di|fi|ca|ram  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
 No|vo| Rei|no | que | tan|to | su|bli|ma|ram  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Razões não faltaram, parece, aos que optaram pela pronúncia menos comum, *Távai* (com acento agudo na primeira sílaba); mas a acentuação oxítona parece-nos mais enriquecedora da harmonia do verso. Nesta matéria, estou por isso com a maioria, quer o acento gráfico de Barros marcasse efectivamente a tónica, quer apenas a abertura da sílaba inicial.

## CONCLUSÕES

Com as hesitações acima justificadas, julgamos possível rematar agora o nosso estudo:

A) Aspectos relacionados com os topónimos em apreço:

1. *Orixá*, oxítono, quer se pronunciasse /uri'fa/, quer /ori'fa/, é hipótese aceitável, fundada em indícios, de que é justo relevar a notória solidez dos critérios de acentuação gráfica de João de Barros; mas não parece que os mesmos conduzam à exclusão irremediável da leitura /u'ri:fa/ ou /ɔ'ri:fa/, assente em paroxítonia, certamente em oscilação com /u'risa/ ou /ɔ'risa/ (cuja documentação antiga nos foi sempre esquiva) que se prende com quanto se sabe das relações entre *x* e *s* na época considerada e com vários aspectos de regularidade da acentuação gráfica, a que concretamente se alude em relação a exemplares datados de 1572 da Epopeia. Assim, não se nos afiguram absurdas as grafias *Orixa* e *Orissa*; e a forma da edição *princeps* d' «Os Lusíadas», paroxítona (à luz das convenções ortográficas de hoje) é tão digna de acolher-se como a oxítona.

2. *Chale*, monossílabo, <sup>(t)</sup>/fal/, ou dissílabo paroxítono, /<sup>(t)</sup>fale/, de final aberta mas átona, todavia, é grafia que certamente se recomenda e que julgo não consentir contestação vigorosa, em face do exposto, em favor da tão reeditada *Chalé*, oxítona, que, muito estranhamente, o Morgado de Mateus e o Prof. Epifânio Dias preferiram na oitava 35 do canto VII e trocaram por *Chale*, paroxítono, na oitava 61 do canto X. Numerosos são, porém, os Mestres que, em ambos os lugares da Epopeia, fixaram *Chale*, entre os quais, José Maria Rodrigues, Hernâni Cidade, António José Saraiva, António Salgado Júnior. Aliás a distribuição dos acentos rítmicos e a análise métrica ajustam-se à opção que vimos ter pergaminhos de valor na história que nos contam os registos da palavra.

3. *Távai*, paroxítono de aparência, documenta-se em João de Barros (contrariamente ao que transparece das transcrições do Prof. José Maria Rodrigues, nas *Fontes dos Lusíadas*: cf. 2.<sup>a</sup> ed., p. 358), como mostrámos, do qual cronista a utilização sistemática do acento agudo na tónica o singulariza, no tempo, especialmente

ao lado de Magalhães de Gândavo, em casos muito precisos, a que igualmente aludimos; e encontra-se também (e três Editores, antes de mim, o notaram) em o exemplar presentemente dito  $S_4$  da Epopeia. *Tavai*, oxítono, está, entretanto, mais abundantemente representado em outros exemplares desta, datados, como este último, de 1572, sendo assim a forma mais geralmente preferida pelos que têm publicado esse texto; e, quanto ao metro e distribuição dos acentos rítmicos, não vimos razões de excluir ou preferir uma ou outra, salvo quanto ao aspecto atrás mencionado.

Concedendo, porém, alguma credibilidade à natureza do registo que se vê no *Theatrum Orbis Terrarum*, INDIA, fl. 48, de Abrahamus Ortelius, Antuérpia, 1570, *Tauaij*, e também às considerações de Duarte Nunes de Leão, na *Orthographia* (vd. «Ortografia e Origem...», ed. da Prof.<sup>a</sup> D. Maria Leonor Carvalho Duarte, pp. 181-182), acerca do uso dos *ápices* ou *cimalhas*, hoje geralmente conhecidos por *trema*, cuja função ali vem expressamente referida, encontramos em face de outra forma, agora terminada em vogal, que não faz parte de ditongo, proparoxítona ou paroxítona, distinta das anteriormente mencionadas. Precisemos, contudo, que, na Epopeia, o vocábulo só pode ser dissílabo, ou oxítono ou paroxítono; mas qual fosse a pronúncia exacta de Barros e, em contextos de prosa, a de Camões, não sei dizê-lo de modo terminante.

B) Em perspectiva de interesse camoniano, sem dúvida, mas também noutra, de um mais amplo definir e fixar a posição da tónica nos constituintes do vocabulário quinhentista português em geral, parecem, por tudo o que precede, relevantes as seguintes normas e cuidados:

1. Rigor no estabelecer a *cronologia das formas* da mesma palavra em apreço;
2. Registo do *maior número* possível de formas dessa palavra, com escrupulosa notação da proveniência do texto, qualquer que ela seja: manuscrito, a mais antiga ou, desde que possível, a 1.<sup>a</sup> edição impressa, desde que assim esteja reconhecida por tal, mapa ou carta geográfica original, em contexto literário ou de outra natureza, de prosa ou de verso (com o tempo, a tinta de imprensa pode desvanecer-se e até desaparecer de todo, como sucede em exemplares datados de 1572 d'«Os Lusíadas»);

3. Prudência de não promover a critério absoluto de fixação textual a natureza dos *acentos gráficos* encontrados em textos antigos (nem em modernos, ai de nós!), ou a ausência deles, nem tomar-se a *geminção vocálica* por índice seguro da posição da tónica: as razões disto ficaram patentes nas linhas que atrás deixámos. Terá de haver permanente lembrança de muitos aspectos elucidativos da instabilidade ortográfica desse tempo e do nosso, das dificuldades de notação escrita de importantes factos do código oral, de descuidos, hábitos viciosos e desniveis de formação literária — variáveis segundo os autores e os artifices de tipografia, as concepções linguísticas, bem diferentes das nossas;

4. Justo e sensato sentimento de que um *esforço apreciável* no domínio da acentuação gráfica e da regularidade dela no séc. 16 não significa *opção constante*, por parte dos autores desse tempo, dos mesmos acentos gráficos em circunstâncias semelhantes mas utilização de alguns deles *com fins visivelmente idênticos* (p.ex.: o agudo e o circunflexo; o grave e o agudo; o grave e o circunflexo), quer nuns em relação aos outros, quer no interior da obra de cada um. O essencial é inferirem-se, previamente, como hipóteses de trabalho mas com rigor, as *funções* da acentuação gráfica nos textos e confrontá-las com a *doutrina* dos gramáticos coevos, quando destes assuntos se ocupem;

5. Atribuição à *métrica* do justo valor que lhe corresponde, em tarefa desta índole, sem elegê-la nunca como guia único e supremo de opção, tendo sempre presentes os vários aspectos peculiares da linguagem poética de que se trata (no caso de Camões, tanto n' «Os Lusíadas» como nas «Rimas», os casos menos comuns de hiperbibasmos, gaita galega e outros); e ter em mente os elos possíveis/prováveis com outras *estruturas rítmicas coevas ou imediatamente anteriores* (v.g., Resende, B. Ribeiro);

6. Concessão de alguma importância, quando se trate de problemas que possam envolver as *últimas sílabas da palavra*, à organização de quadros que incluam *todas* as formas que possuam essa mesma terminação, com acentos gráficos ou sem eles, de um vocabulário completo da obra;

7. Cotejo — sempre indispensável — dos exemplares mais antigos entre si, sem *preferências prematuras* por quaisquer deles. *Táuay*, assinalado em Barros e em S<sub>4</sub>, poderá constituir aviso

grave à tendência generalizada para desprezar pormenores da acentuação antiga e também para preferir ou repudiar, igualmente de modo arbitrário, um só exemplar em relação a outro(s) da mesma data (no caso d' «Os Lusíadas», o preferir  $S_2$  ou  $S_3$  a  $S_4$  ou  $S_5$ , antes de possuir de cada um deles informações amplas das caracterizações concretas que os distinguem);

8. Presença de *paleógrafo competente*, de cada vez que, em edição crítica, dispondo-se de manuscrito, se pretenda reproduzir forma de discutível leitura;

9. Valorização especial do *conjunto* de todas as regras precedentes, e não de algumas delas apenas, quaisquer que sejam as seduções que possam apresentar em relação às restantes.

Penso haver trazido, por este trabalho, contributo fundamentado a uma leitura mais consciente de dificuldades várias, quanto a alguns passos de «Os Lusíadas». Estimularam-me nesse sentido os desencontros flagrantes e numerosos, para não falar de soluções apressadas ou, mais justamente, nascidas de número pequeno de observações, ou produzidas sobre textos menos convenientes.

Por diversos caminhos, procurei respostas de maior solidez que a de estudos de meu conhecimento, recusando dar livre curso a ideias preconcebidas; formulei hipóteses, atento aos pareceres de muitos; auscultei com o maior cuidado os dos Mestres, mas concentrei-me, em meu provisório decidir, à espera de melhor, no que tive por factos. Fundei-me em observações directas e procurei ponderar criticamente os juízos conhecidos. Acabei por admitir que a origem das dúvidas, das hesitações e da impressionante quebra de unidade dos editores deverá situar-se no domínio das talvez dramáticas tentativas dos nossos quinhentistas para assinalar, de modo constante e unívoco, graficamente, a *vogal tónica*, distinguindo-a daquela que era apenas *aberta*. E as consequências que daí advieram não se extinguíram, como demonstrado ficou, com o encerrar-se da rica e fascinante centúria em que se haviam gerado.

Aliás não será arriscado adiantar que diversos outros problemas de fixação textual quanto à nossa Epopeia têm de comum com estes o dizerem respeito à acentuação gráfica e marcação da tónica, em virtude de dúvidas sérias relativas ao modo de articular a consciência da pluralidade de acentuações possíveis no decassílabo camoniano com a dúvida honesta de aceitar ou não a existência de hiperbibasmo,

em cada caso; mas isso, que medito desde 1950-51 (\*), ficará para outra oportunidade.

Quando, um dia, tudo isso estiver completamente dilucidado, ver-se-á como é importante estabelecer as grandes linhas de um sistema gráfico, pensando em quanto convenha à representação exacta da expressão de uma época eminente — o que, sem mais, justificaria aquela evidente necessidade a que, já há anos, aludia o Doutor em Linguística André Poiquet: a de «promouvoir l'orthographe au rang des sciences humaines», como escreveu em «L'orthographe (\*\*) cette dernière-née des sciences humaines», estudo publicado em «L'Enseignement du Français aux Etrangers», Bulletin pédagogique édité par l'*Ecole de l'Alliance Française* de Paris, Jan. de 1980.

No ano de 1580, ao deixar Camões este mundo de vivos, e também no mês de Junho, publicavam-se os *Essais* de Montaigne (onde oscilam, por ex., *onc*, *onques*, *oncques*), e aí apareciam, no mesmo parágrafo, expressões como «on a offensez», ao lado de «à pitié», logo no 1.º § do cap. I; e, em tempo bem nosso, o discutido R. Barthes, segundo é visível em fac-símile recolhido na revista «Nova Renascença», produz alguns desvios ortográficos que a fêrula do Prof. Grevisse talvez retivesse em fichas de cacografias comuns. Nem todas as limitações ortográficas são exclusivas dos de aquém-Pirenéus nem do tempo camoniano...

Não direi, portanto, forçando o desenvolver o conceito até limites que a grave experiência desmintam, ser, em pesquisa exigente, prematura toda a decisão de publicar; mas dar-me-ia por bastante satisfeito, se soubesse que este escrito fora digno de constituir-se grão de areia na construção de edifício que outros mais hábeis pudessem oferecer aos assaltos implacáveis do tempo.

Lisboa, 8 de Novembro de 1985.

EMANUEL PAULO RAMOS

---

(\*) Ano dos meus primeiros trabalhos para a publicação da 1.ª tiragem da minha ed. d'«Os Lusíadas».

(\*\*) Sem vírgula no impresso citado.

BIBLIOGRAFIA

1. *Manuscritos e fac-similes supostos de boa qualidade:*

- Coleção de São Lourenço, III, 373 p., do Arquivo Nacional da Torre do Tombo;
- Manuscrito de Luís Franco Correa, Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados;
- Manuscrito (\*) (melhor: anotações manuscritas) n.º 223, n.º 23, dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa;
- Livro das Cidades, Fortalezas, que à Coroa de Portugal tem nas Partes da Índia. — É de autor desconhecido (cf. prefácio da 1.ª ed., página 8 (não impressa), redigido em 1582 (*ibidem*), da Secção de manuscritos da B.N.L.; do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1960, edição preparada pelo Dr. Francisco Paulo Mendes da Luz.

2. *Publicações impressas:*

- AGOSTINHO, José, «A chave dos Lusíadas», 5.ª ed., Porto, 1944.
- ALMEIDA, Adriano Nunes de, «Os Lusíadas», Atlântida EDITORA, Coimbra, 1968.
- ALBUQUERQUE (Prof. Doutor Luís de) e CORTESÃO (Prof. Doutor A.), «Obras Completas de D. João de Castro», edição crítica, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Coimbra (o vol. I é de 1968).
- ANDRADE, Jacinto Freire de, «Vida de D. Joam de Castro», Lisboa, 1651.
- BARRETO, João Franco, «Micrologia Camoniana», co-edição da INCM/Biblioteca Nacional, pref.º do Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro/Leitura de Luís Fernando de Carvalho Dias e Fernando Portugal, Lisboa, 1982.
- BARROS, João de:
- «Grammatica da lingua Portuguesa», Lisboa, 1540;
  - «Asia»: Década I, Lisboa, 1552; Década II, Lisboa, 1553; Década III, Lisboa, 1563; Década IV, Madrid, 1615 (BNL, Reservados. — Cotas Res. 240-41 A; Res. 245-46; Res. 576 V);
  - «Dialogo de Joam de Barros com dous filhos seus, sobre preceptos moarães, em modo de Jogo», Joam de Barreira, impressor del. Rey nosso senhor, Lisboa ao arco de sam Mamede, 1563.
- BLUTEAU, *Vocabulário Português e Latino*, T. 8.
- BUENO (Prof. Doutor F. da Silveira), «Os Lusíadas», ed. crítica, Edições Ouro, Rio de Janeiro, s.d. (por informação do ilustre Autor, 1965).

---

(\*) Utilizado no conhecimento das restrições que lhe prejudicam o valor.

CAMÕES, Luís de, «Os Lusíadas»:

- fac-símile das duas edições datadas de 1572, vol. I, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1980;
- Edições dos séculos XVI e XVII, referidas no texto, exemplares consultados nos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa e na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa;
- Outras edições: mencionam-se, nesta bibliografia, os nomes dos editores.

CAMPOS, Paulo Mendes, *No fundo do Rio Rio*, «Colóquio/Letras», n.º 73, Maio de 1983.

CARVALHO (Prof. Doutor G. Herculano de), «Estudos de Linguística», vol. 2.º, Atlântida Editora, Coimbra, 1969.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, «Hos dez liuros...», 1.ª edição, 1554, BNL, Reservados, 422-427 V.

CIDADE, Hernâni, «Luís de Camões/Obras Completas», «Os Lusíadas», vol. V, Lisboa, 1947.

CINTRA (Prof. Doutor Luiz Filipe Lindley), «Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses», *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1971.

CORREA, Gaspar, «Lendas da Índia», ed. de 1975 (restrições mencionadas no texto).

COUTO, Diogo do, «Década Quarta da Ásia», Pedro Crasbeeck, Lisboa, 1602.

CUNHA (Prof. António Geraldo da), «Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas», 2.ª edição, Presença, Rio de Janeiro-RJ, 1980.

CUNHA (Prof. Doutor Celso), «Estudos de Versificação/Portuguesa (Séculos XIII a XVI)», Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1982.

DALGADO, Monsenhor Sebastião Rodolfo:

- «Glossário Luso-Asiático», I, 1919; II, 1921;
- «Contribuição para a lexicografia luso-oriental», Coimbra, 1916;

DEBENHAM (Prof. Doutor Frank), director do «Grande Atlas Mundial/Seleções do Reader's Digest», Lisboa, 1978.

DIAS (Prof. Augusto Epifânio da Silva), ed. d'«Os Lusíadas», com comentários. Utilizámos a terceira, reprodução fac-similada da segunda, Ministério de Educação e Cultura, Departamentos de Assuntos Culturais, Brasil, 1972.

DIONÍSIO (D. Letícia), ed. d'«Os Lusíadas», Publicações Europa-América, Lisboa, s.d., anotada comemorativa do 4.º centenário da morte de Camões.

FILHO (Prof. Doutor Leodegário A. de Azevedo), «Luís de Camões/A Instabilidade da Fortuna/Introdução, estabelecimento crítico do texto e comentários» por...; SUAM, Faculdades Integradas Augusto Motta, Rio de Janeiro, 1985.

FORTES (Prof. Doutor Agostinho), ed. d'«Os Lusíadas», Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1936.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães de:

- «Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua», officina de Antonio Gonsalves, Lisboa, 1574;

- «Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmête chamamos Brasil...», João Lopez liureiro (Visto inquisitorial de dez de Novembro de 1575; autorização de imprimir-se de 1576).

GONÇALVES (Prof. Doutor Francisco Rebelo):

- «Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa», Prefácio de Ribeiro Couto, Atlântida, Livraria Editora, Lda., Coimbra, 1947;  
— «Vocabulário da Língua Portuguesa», Coimbra Editora, Lda., Coimbra, 1966.

LEMOS, Jorge de, «Hystoria dos Cercos de Malaca», Manoel de Lyra, Lisboa, 1585.

MATEUS (Prof.<sup>a</sup> Doutora D. Maria Helena Mira *et alii*), «Gramática da Língua Portuguesa», Almedina, Coimbra, 1983.

MATEUS, Morgado de, Dom Jozé Maria de Souza-Botelho, «Os Lusíadas», ed. 1817.

METASTÁSIO, Pedro, «Composições Dramaticas do Abade...», Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1783.

MONTEIRO (Doutor Campos), ed. d' «Os Lusíadas» (anotados e parafraseados por... Domingos Barreira, 3.<sup>a</sup> ed., Porto, 1933.

MORAES, Antonio de..... Silva, Diccionario da Lingua Portugueza, 8.<sup>a</sup> edição revista e melhorada, Rio de Janeiro/Lisboa, 1890.

MOREIRA, Gaspar, «Le Livro de Marinharia de Gaspar Moreira», Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, *Bibliothèque (sic) National (sic) de Paris*, Cod. Port. n.º 58), Introduction et notes par Léon Bourdon et Luís de Albuquerque, Lisboa, 1977.

MOTA, A. Teixeira da, «Cartas Portuguesas Antigas na Colecção de Groote Schuur, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977.

NOGUEIRA (Prof. Júlio):

- «Os Lusíadas de Luís de Camões», Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, São Paulo, 1960;  
— «Dicionário e Gramática de OS LUSÍADAS», Rio de Janeiro, São Paulo, 1960.

OLIVEIRA, H. Guedes de, ed. d' «Os Lusíadas», Livraria Civilização Editora, Porto, 1938.

ORTELIUS, Abrahamus:

- «Tabula Geographica», Biblioteca Nacional de Lisboa;  
— «Theatrum Orbis Terrarum», Antuérpia (cf., na Introdução, «Beneuolis Lectorib.»), 1570.

PEREIRA (Prof.<sup>a</sup> Doutora D. Maria Helena da Rocha), «A Transmissão Manuscrita de «Os Lusíadas» / Alguns Aspectos», Coimbra, 1985 (Sep. da Revista da Universidade de Coimbra, vol. XXXIII, Ano 1985, pp. 51-65).

PIMENTEL, Manuel, «Arte de Navegar», Junta de Investigações do Ultramar, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, comentada e anotada por Armando Cortesão, Fernanda Aleixo e Luís de Albuquerque, Lisboa, 1969.

PIMPÃO (Prof. Doutor Álvaro Júlio da Costa), «História da Literatura Portuguesa», vol. I, Ed. Quadrante, Coimbra, 1947.

RAMOS, Emanuel Paulo:

- Ed. d' «Os Lusíadas», Porto Editora, Lda. (1.<sup>a</sup> tiragem: 1952; a mais recente: 1985);
- O hiperbissismo nos condicionalismos de certos casos de fixação textual d' «Os Lusíadas» (estudo inédito; concluído em 18.7.1984);
- Duas paroxítonas no fim dos vv. 7.<sup>o</sup> e 8.<sup>o</sup> da oitava 1.<sup>a</sup> do canto III d' «Os Lusíadas» (estudo inédito; concluído em 18.7.1984);
- Funções do acento gráfico (agudo, grave e circunflexo) nos exemplares designados por *S* e *D* d' «Os Lusíadas» (estudo inédito; concluído em 11.1.1985).

REGO, António da Silva, «Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente/coligida e anotada por».... ÍNDIA, Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

RIBEIRO, Bernardim, *Éclogas*, Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa, 3.<sup>a</sup> ed.. Textos Literários, Lisboa, 1947.

ROQUETE, J.I.; e FONSECA, J. da, «Diccionario dos Synonymos», Poetico e de Epithetos da Lingua Portugueza, V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, Pariz, 1871.

SALGADO JÚNIOR (Prof. Doutor António), «Luís de Camões/Obra Completa», organização, introdução, comentários e anotações do..., Rio de Janeiro, GB. Companhia Aguilar Editora, 1963.

SARAIVA (Prof. Doutor António José), ed. d' «Os Lusíadas», Figueirinhas, Porto, 1979.

TRANCOSO, Gonçalo Fernandes, «Historias & Contos» (ao alto das fls.) ou «Contos & Historias» (na portada da Segunda Parte), António Gonçalves impressor, Lisboa; impressão de 1575 (cf. Introdução de João Palma-Ferreira, ed. da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1982).

VASCONCELLOS (Prof.<sup>a</sup> Doutora D. Carolina Michaelis de), ed. d' «Os Lusíadas», Bibliotheca Romanica, 10, Bibliotheca Portugueza, J. H. Ed. Heitz (Heitz & Mündel), Strasburgo, 1908.

VERDELHO (Dr. Telmo), «Índice Reverso de «Os Lusíadas»», Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1981.

VIANNA, A. R. Gonçalves, «Exposição sobre a pronúncia da Língua Portuguesa» (Este texto precede o canto I d' «Os Lusíadas», ed. de F. de Salles Lencastre, Imprensa Nacional, Lisboa, 1892.

VICENTE, Gil, «Auto da Índia», fac-símile incluído na ed. de Júlio Martins, Cecília Soares e Jaime da Mota, Didáctica Editora, Lisboa, 1975.

VIEGAS, Artur, ed. d' «Os Lusíadas», Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1947.

VITERBO, Dr. Sousa, ed. d' «Os Lusíadas», Empreza da História de Portugal, Lisboa, 1900.

ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica da Guiné*, Agência Geral das Colónias.